

QUINTA-FEIRA  
Lisboa--28 de Abril-1927

5 TOSTÕES



sempre **49**  
**fi** **RE** **semanário**  
**humorístico**

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 43

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 195  
RUA DA ROSA, 57

# O transito de Lisboa estudado em Madrid...



...ou as Puertas del Sol nas Portas de Santo Antão



## Os ditos da semana



Em Lisboa ha agencias para tudo. Unias fazem enterros garantidos e casamentos a pequeno prazo, sem desconto no objecto; outras colocam criadas para todo o serviço, substituindo a patrão, caso seja necessario; e outras ainda ocupam-se de todo e qualquer divorcio, sem remuneração alguma. As agencias de casamentos são uteis á sociedade. Colocam paixões desocupadas, consolam viúvas de posição, e oferecem as meninas línticas, vaporosas flores de laranjeira, mesmo que a primavera das ditas, já esteja muito seca em relação ao estio da vida, o que succede. Poupam-nos o trabalho de andar na rua, farejando numero composto e sério, com saia até abaixo, como antigamente Diogenes, de lanterna em riste, á procura de homem, pelos arrabaldes de Atenas. Trabalham para o engrandecimento da Patria, dando-lhe os filhos que ela precisa; beneficiam espontaneamente o Registo Civil, aumentando-lhe o numero de sinistrados, perdão, de registados, contribuem poderosamente, nas avenças dos sacristas, aumentando-lhes as propinas, com relativa generosidade. Estas chamam-se agencias de expansão. Se quizerem mesmo de dilatação da especie. Aproximam os sexos desavindos e fazem operações cambiais, com hipoteticos dotes, que uma tia que ha-de morrer, e está em Rilhafoles, e não morre, ha-de deixar se provar que é doida, o que é muito difícil, porque ela está lá por o não querer ser ha mais tempo — por mais que lhe façam, por mais que lhe digam, por mais que lhe peçam...

La arrebrandando, leitor, com este periodo do tamanho da legua da Povoia e um pouco amalucado! Tu desculpa de gravitar á volta de todas estas gradações da familia humana, resolvidas pelo anuncio-sinho, onde muito bom tolo cai, demonstrando que o é, como uma inteligencia, verdadeiramente extraordinaria e luminosa. Mas a falar a verdade, essas agencias não fazem mal a ninguém. São uma especie de drogaria com benzina para todas as nodoas. O que faria, por exemplo, o «cavalheiro respeitavel» se, respeitosamente, não pedisse a senhora de teres, 30 anos pelo menos, brindada de prendas manuais, o obsequio de lhe coser as calças, escovar o fato e fabricar o jantar? Vejam o problema. Não comam a refeição requentada! O que faria

tambem a menina e moça, que saiu de casa de seus pais, lá diz Bernardim Ribeiro, e foi até á Patriarcal, onde o primo da Faculdade de Sciencias lhe ministrou uma lição de psicologia experimental, e depois abandonou o campo da experiencia, receoso de ficar para toda a vida reprovado naquele e noutros exames sobre o mesmo caso transcendente? Encarem a questão e não caiam nela! O que faria, por ultimo, a viuva sósinha no mundo, se alguem a não acompanhasse neste, com o devido cuidado, inherente a um segundo casamento, contratado á vista?

Tudo isto é grave! Fomenta o pensamento! Desenvolve a especie. Mas o problema aqui complica-se. A par dessas agencias prestimosas, beneficicas, outras ha, cujos interesses funestos e macabros, o espirito médio e mesmo *medium* não atinge. São aquelas que intentam divorcios, sem receber dinheiro. Para quê, tanta

dedicação? tanto sacrificio? tanta abnegação? Casar, vá; mas divorciar! Francamente, não percebemos patavina. Um homem casa-se, gasta dinheiro; descasa-se, entra-lhe pela casa dentro, ou pouco menos. Compreendem? Nem nós! Pois isto é certo: ha agencias que tratam rapidamente e gratuitamente da separação de todos os conjugues em divida matrimonial consigo ou com os outros. Que maleficos designios acalentam essas empresas para assim funestar, sem qualquer preço, a vida do cidadão e a existencia do cidadão, arrulhante e terna. Calculem como as reivindicções em casa dos Sosas, têm ecoado nestes ultimos dias! Ela, que é parecida e mia como um gato assanhado, em qualquer mês, já disse para o marido, um que usa lunetas verdes, por causa de não ver os credores:

— Se me maltratas evadome. Tenho divorcio de graça e talvez mais alguma coisa.

Marido Sousa é fiel num estabelecimento da Baixa — substantivo que é o melhor adjectivo de toda a sua vida. Está resignado e triste. Já não põe a patrão de mólho. O vinagre para as nodoas negras, que dantes vinha aos litros da mercearia, passou a vir aos decilitros. Sousa sente-se vencido. O filho dilecto:—Salazar Sousa comanditado no primeiro casamento, agora felizmente ~~sem~~ ~~le~~ ~~cro~~ ~~s~~ a terceiros, ~~no~~ ~~segundo~~ declarou a ~~Esigenia~~ ~~Antunes~~ da Compaixão Sousa, que ficaria sem apelido, caso não lhe mudasse a hora do toque de recolher. Tudo isto por causa dos divorcios gratuitos e simplificados. Vejam e tremam pelo que se passa no lar dos Sosas, o mais nobre braço da rua dos Fanqueiros! O exemplo pode ser contagiante! Se os Sosas não unificam os seus pontos de vista, dando á sociedade, que é matrona e sabida, uma lição de firmeza e de disciplina, não mais haverá em Portugal Sosas, Sousinhas e Souselas de boa cepa... O divorcio será o mildium de todas as vinhas do lar. Embora elas já não deem vinho, como outrora, ainda se vai escorripichando algum, no nosso copo é claro. As vezes é do vizinho, mas por engano...

## AMIGOS DE PORTUGAL



**Pedro Franklin d'Almeida Lima**  
(Secretario da Embaixada do Brasil)

Na America descobriu-se a televisão. Isto é, nem mais nem menos do que ver o cidadão ou a cidadã á distancia dalgumas milhas, dalguns mares ou dalguns continentes. Aplica-se um pequeno *écran* ao telefone e vê-se o nosso amigo ou a nossa amiga, seja qual for o seu estado de nudez, a sua posição interior, a companhia escolhida. O invento vem destruir a felicidade humana. Já nenhum marido pode dizer que fala do escritorio se está no *club*, que tem uma dor de cabeça, se a dita está docemente reclinada num peito extra-conjugal. Com a mulher dá-se a mesma coisa. O esposo, mesmo da rua pode vigiá-la, defendendo assim qualquer dano ou prejuizo da propriedade, agora muito em moda.

Mas não será um defeito ver demais? Olhar demais? Descobrir demais? O que vai ser do mundo, dos seus enganos e das suas mentiras? A sciencia afunda-os, comprometendo a mais deliciosa das mentiras — o amor!

**HUMORISMO NO ESTRANGEIRO**



—Se perder outra vez os sentidos, dê-lhe um cálice de *cognac*.

—Isso não, sr. doutor! Batia-me se viesse a saber que lhe tinha dado *cognac* quando o não podia sofrer.



O dono da casa:—O que aconselha o senhor para evitar este cheiro do óleo?

O pintor:—Talvez que desapareça se o patrão me der grande trabalho um desses charutos que costuma fumar.



—Que mecanismo está aqui dentro? Para ter esta temperatura, que combustível se usa?

—O cadáver da minha mulher...



Ela:—Acho bem que só concedam voto às mulheres que têm 21 anos! Nessa idade já temos mais juízo do que os homens.

—Ele:—Eu também. As de 21 anos nunca têm menos de 65.



**A praga dos concursos**

Só faltou o concurso do público à tourada-concurso de ganaderos, toureiros e forcados. Mas, se o *respectável* não concorreu, é, porém, justo confessar que tudo o mais concorreu para que a tourada corresse o melhor possível.

O sr. Alvaro Ferreira enviou oito touros de tão variadas estampas que bem poderiam figurar na Sociedade Nacional de Belas-Artes... de Montes.

O Zé Casimiro deixou os *meados* em Vjeu e veio sózinho à cidade para que todos saibam que o *relhoite ainda cá está!* Dizer as intrigas de bastidores que veio contratar fitas e artistas para o teatro que tem lá na terra, mas a verdade é que veio provar que não há outro como ele para pôr *azues* os admiradores *rubros* de entusiasmo. Ah! filhos, aquilo é que são *curtos e meios curtos!*

O Machadinho (o Adolfo, não julguem que é o das feiras!) também fez boa figura, e até faz a gente velho lembrar que são estes *rapazes do nosso tempo* os veteranos da cavalaria anante que p'r'ahi anda!

De Madrid veio o *espada* Emilio Mendez e, para fazer o que fez, bem poderia por lá ficar.

Sacudiu o pó com a capa, limpou a cara aos bichos com a *muleta* e apenas com as bandarilhas puxou para a banda do bom. Tendo em conta que o *cambio da peseta* está aí, pôz um *cambio em todo lo alto* e foi aplaudido, bem como os seus *pejos* *cuco de Cadix* e *Angelillo de Sevilla*. Este último veio de Sevilla pela Pamplina.

O Custodio passou a chamar-se Tódio porque diz que quem tem o que ele tinha no principio, e no plural, tem medo, e assim está livre do piadas.

E a verdade é que até parecia outro, ali bandarilhando como um valente.

O Alfredo diz que para baixo todos os Santos ajudam e, se não for como toureiro, sempre pode ganhar a vida representando no Nacional, que para isso lá está o Manoel Costa.

O irmão de Agostinho Coelho alternando com Domingos e dias Santos, marcou mais um feriado à porta da gaiola, caçando depois varios pares numa lide de Coelho à caçadora, que lhe valeu tantos aplausos.

O Manoel dos Santos, que foi marujo, armeu um sarilho com os policas e com os civis, representados pelas grupos de forcados do *Policia* e dos outros. Logo no segundo touro tocou a reunir e lá foi o *Policia* p'r'a esquadra, transgredindo duas vezes e acabando com uma *parte carregada*.

Com os civis também a coisa foi falada e, se não avoraram bandeira branca, ainda lá estavam a comer da canja, que é como quem diz sopa de córno de boi, com perdão dos touros da Golegã.

\*\*\*

Para domingo anuncia-se a continuação dos variadissimos concursos (tauro-péga-bandarilhas), sendo concedida pelo veterano Tio Doro, pai das esperançosos filhos d'óros, a alternativa a que estes têm direito.

Os touros são do sr. Francisco da Silva Toça o Hino e o *espada* é Jose-lito Martin, que os cartazes dizem ser de Madrid e que, por acaso, é de Bilbao.

E até á proxima!

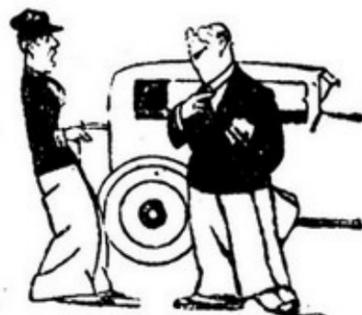
Perez-Lachaise

**O HOMENAGEADO DA SEMANA**



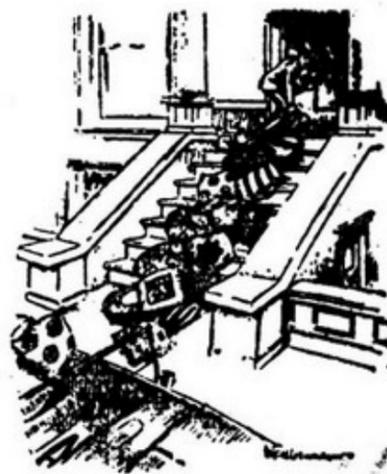
Dr. Marlo Tavares de Carvalho

**HUMORISMO NO ESTRANGEIRO**



—Queria um automovel do preço mínimo, que consumisse o mínimo de gazolina.

—Já porcebi! Nesse caso talvez fique bem servida com um acendedor...



Trabalhos dum novo pessimista que vai pedir a mão da namorada.



—E' tão difícil extrair esta raiz...

—Talvez seja uma raiz cubical



O pai:—Tu não me perguntas porque motivo a estatua não tem braços...

O filho:—Não! O que eu queria saber é porque razão ela tem pés...

# TEATRO

## «RETROZ PRETO...»

NO *Bairro Alto* ha uma dansa da luta, deveras engraçada. Tomam parte varios artistas, suficientemente preparados em *ju-jitsu* e *charleston*. O encontro despertou a curiosidade do publico, dada a importancia do *match* teatral...



OS *LOZOS* descer a ao povoado. E' sempre assim, quando a fome aperta. As feras rugem, intimidando as populações, que lhes abandonam campos e haveres. Não seria possível domesticá-los com algum carinho? Olhem que eles não são tão maus como parecem...

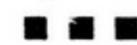


A NOVA revista de Lino Ferreira, Silva Tavares e Lopo Lauer, intitula-se *Cosido á portuguesa*.

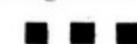
Deve ser um prato empaturrante, depois das *reciravollus* que, ultimamente, tem sofrido o nosso estomago...



RAQUEL Muller vem a Lisboa. Garante-se o seu talento. Para dar, para veader e para exportar...



CHABY quiere ir ao Brasil. Consta que já alugou duas *cabines* num vapor de luxo. Uma para o seu talento; outra para a sua gordura...



O *Bairro Alto* foi um sucesso. Ha de dar muito dinheiro em teatro, embora na vida não seja sempre assim. Desta vez, o Armando de Vasconcelos não tem que se queizar das receitas—tem que as encaixar...



Ilda Stichini—Alexandre de Azevedo

### O divorcio de dois empresarios



GIL Ferreira volta para o Ginásio. Bom filho á casa torna... Será bom que os empresarios matem o seu melhor vício para festejarem o acontecimento.



JEAN Sarment assistiu á segunda do *Bairro Alto*. Deve ter gostado porque aplaudiu. Mais uma conquista do fado.



O *Filho de III classe* não agradou. Naturalmente chegou a Portugal já muito cansado da viagem. Não teria comprado bilhete de ida e volta?

ESTA iminente um divorcio teatral. Ilda Stichini e Alexandre de Azevedo separam os seus trapinhos do empresarios. Vai cada um para o seu lado. Queira a Providencia que nenhum deles se engane no caminho a na... companhia que escolherem.



OS JORNALISTAS vão fazer a *Vida de Cristo*.

De Cristo fará o Mario Salgueiro, de Judas o Benoliel.



JOSE' Barbosa vai retomar a sua actividade teatral, escrevendo, na

companhia de Lino Ferreira e Silva Tavares,, a *Arca de Noé*.

Quando é que voará a pomba do Espirito Santo sobre as aguas tempestuosas do nosso teatro?



ILDA Stichini realiza a sua festa artistica com a *Morgadinha de Val-flór*.

E' o que se chama uma «morgadinha» em flór...



AMELIA Rey Colaço-Robles Monteiro já ganharam 60 contos nas ilhas. Não ha fome que não dê em fatura...



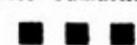
LUCILIA Simões interpreta, brevemente, a *Tosca*, em «serata de honra».

Deve ser uma *Tosca* nada tósca...



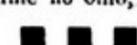
NASCIMENTO Fernandes prepara para o mês que vem, no Politeama, o *Turco do Calhariz*.

Garante-se que na comedia não entra o sr. Brito Camacho.



ESTEVAO Amarante adquiriu os direitos da peça *On ne roule pas Antoinette*.

E' uma boa divisa para um empresario com lume no olho, como ele...



SEIXAS Pereira festeja-se, no Trindade, com o *Homem das 5 horas*.

O relógio não estará um pouco atrasado?

### O Homem das 5 horas



A Maria e o Manuel eram dois conversados muito proximos do casamento. Ela, depois de protestos de fidelidade, tinha-lhe jurado um amor eterno...

Mas certo dia, o Manuel, que já andava com a pedra no sapato, viu, sem ser visto, a Maria, toda derretida, a namorar com outro lá da aldeia.

Ao ser repreendida ela respondeu: — Oh homem, olha que eu sou verdadeira, e tu deves acreditar mais naquilo que te digo do que naquilo que tu vês...

## CANÇÃO NACIONAL

## FADO DA IMPRENSA

## Mote

O NOTÍCIAS diz que sim,  
Vai o SEC'LO diz que não...  
O SEMPRE FIXE, por fim,  
ri e chucha com razão...

## Glosas

Foi á vela o PORTUGAL,  
vai o SOL desapareceu,  
um ar á EPOCA deu  
e também á CAPITAL.  
Não se vê um RADICAL,  
o MUNDO teve o seu fim,  
houve um DIA igual assim,  
acabou-se a INFORMAÇÃO,  
mas co'a nova SITUAÇÃO  
O REBATE já não toca,  
o NOTÍCIAS diz que sim.

Joi-se o DIARIO DA TARDE,  
da BATALHA foi-se o alarde,  
NOVIDADES ninguém cõca...  
Anda a CIDADE á matroca,  
na INTEGRALISTA feição  
se diz que a LUTA em questão,  
do Tabaco e da Moagem,  
ao Governo dá vantagem,  
vai o SEC'LO diz que não...

Já ninguém lê a REPUBLICA,  
e das folhas que ha no norte,  
ainda se ha com muita sorte,  
exceptuando a VOZ PUBLICA.  
A MONTANHIA, em grande suplica,  
diz que tem pedra num rim,  
Toca o JANEIRO o clarim  
do COMERCIO as sãs primicias  
e abraçam com o NOTÍCIAS  
o SEMPRE FIXE por fim...

No jornalístico inferno  
da NAÇÃO dos meus avós,  
oiço agora a debil VOZ,  
num ideal antigo e terno.  
Faz-se o DIARIO DO GOVERNO  
na Derouctica mansão,  
onde nunca põe a mão  
a implacavel «Censura».  
Por isso o FIXE perdura,  
ri e chucha com razão.

José Barbosa.

NOTA.—Não me refeti ao DIARIO  
DE LISBOA porque com o papá não  
se brinca...

## Do livro VERSOS DUM PORTUENSE

Meu pobre amigo, ao que tu tens descido!  
Como a sorte, para ti, tem sido avara!...  
Que noites negras que já tens vivido  
e a roda da desgraça jamais pára.

Roubaste p'ra comer e foste preso!  
Queres trabalhar e não sabes em quê!  
Ha no teu peito um facho d'odio acêso,  
De odio e revolta—mas que ninguém vê!

A mim te vens queixar, meu pobre amigo,  
Aconselhar-te vou—eu já te digo  
Como tens de sair d'esse atoleiro.

Escuta lá:—P'ra sempre, toma emenda!  
Se queres roubar sem que ninguém te  
prenda,  
perde a vergonha e faz-te—Revisteiro!...

Arnaldo Leite.

BRISTOL CLUB DANCING  
O UNICO SEMPRE EM FESTA

## A NOVELA DO "FIXE"

A "MALVA,"  
DA ENCARNAÇÃO

Não sei se vocencias repararam alguma vez na fórmula como as sopeiras, quando saem ao domingo, levam a sombrinha...

Digam-me com franqueza. Não é precisamente como os espadas que não conhecem a lide á portuguesa levam a farpa até á porta do cavaleiro?...

Uma pegam-lhe pelo nêto, como se aquele objecto estivesse sujo na ponta, e outras como se levassem um cirio em promessa.

Pois a minha criada deu-me, com as ultimas chuvas, o assunto para a novela de hoje.

A Encarnação, cujo nome é tudo quanto ha de mais significativo na sua pessoa de sopeira indigena, honesta, boa serva e honrada—aproveitou o domingo da saída para ir vér o chalet das Canas, no Campo Grande, que, na opinião da sua colega do lado das trazeiras, era a oitava maravilha do mundo!...

Na occasião de sair, o tempo entrovicou-se e ela, voltando atrás, lá foi buscar a sombrinha, que era o seu objecto de maior estimação, visto que, para a obter, passou um dia inteiro a saltar do Grandela para os Armazens do Chiado, a vér qual seria a mais barata...

Não tardou uma duzia de passos que uns grossos pingos se despendessem das nuvens. Ia para abrir a sombrinha e, como visse uma escada, disse de si para si: «Isto passa»... e recolheu-se, satisfeita por poupar a sua malva de uma douche inosporada.

Até aqui tudo ia ás mil maravilhas.

Uma vez que o tempo levantou, lá foi ela, Avenida das Novas acima, em direcção ao Campo Grande, mas, ao passar pelo monumento da Guerra Peninsular, estacou, impressionada por aquele grandioso grupo que quasi saí fóra da memoria, esforçando-se para deslascar uma peça de artilharia.

—Olha!... O que vem a ser aquilo? exclamou ela, admirada.

—Aquilo, menina, é uma nova invenção, respondeu um espirituoso caixeiro de mercearia que tinha deixado de observar o monumento para analisar as fórmulas tentadoras da Encarnação.

—O quê?!

—Aqueles homens que a menina ali vê mexem-se quando é preciso e levam a memoria, em cima daquelas rodas, para onde se quizer...

—Antão ou não vejo que os homes são de pedra?... Vá caçar com a sua irmã!

E pregou-lhe com a sombrinha na cara!

Um soldado interveio, admoestando o paisano, e ela, agradecida, entabou conversa com ele, Campo Grande fóra.

—Pois é verdade: eu sou de Canas e, quando vim para Lisboa, fui servir

para casa de uma familia no Caminho de Baixo da Penha... Foi ali que eu abri os olhos...

—E eu sou de Olhão e estou também na Penha ao serviço do pombal...

—disse o magala.

—E lá no pombal ha pombos?

—E pombas...

—E essa criação toda é para os soldados a comerem?... Você está a intrujar-me... Eu tenho ouvido dizer que na Penha ha um caracol e um lagarto...

E o magala explicou-lhe o que era o pombal e ofereceu-se para, um dia, lhe mostrar os pombos, o caracol e o lagarto.

—Agora os pombos também são correios?... Olhe que se você está a chuchar comigo, faça-lhe como ao outro: parto a sombrinha e as suas ventas...

E, ao fazer o gesto, reparou que uma das varetas estava partida.

O magala disse-lhe que aquilo tinha concerto, porque era primo dum deita-gatos. Nessa altura, chegaram ao chalet.

—Vê?... Este chalet é como a menina: é de Canas...

A sopeira percebeu o espirito e, apontando no aquario um dos peixes japoneses que têm uns grandes olhos, disse:

—E este também é como você: é de Olhão...

O magala quiz abraçá-la como premio da piada, mas apanhou no de leve e amorosamente com a sombrinha.

Nisto, o magala entreabriu a celebre porta grande, mas—oh! céos! saltou-lhe de lá o macaco e, agora o verás, ela defendeu-se como uma heroína, partindo a sombrinha toda nas ventas do animal embalsamado.

O guarda agarrou-a e ela, voltando-se para o magala, acabou de partir o resto nas ventas do seu amorado interprete, dizendo-lhe:

—Lá que você me quizesse motrar os pombos, vá! Lá que me quizesse levar ao caracol e mostrar o lagarto, também... mas, assim de repente, mostrar-me um macaco daquele tamanho, não!

E voltou, indignada e sósinha, a caminho da casa, com a sua malva desfolhada, dizendo ao vê-la:

—E custou-me isto quarenta mil reis!

No dia seguinte, apareceu-lhe um deita-gatos á porta, dizendo que vinha do mandado do primo para lhe concertar a sombrinha... A resposta foi de tal ordem que eu tive que despedi-la... para bem da moral e do meu conceito na visinhança...

José Barbosa.

## Fitas faladas

O Tivoli inaugurou a temporada de opera.

Depois de se ter passado pelo sôno enquanto o Al. Wilson andava a mostrar que é aviador e por isso, não admira não ter geito nenhum para o cinema, o écran annunciou o Fausto. Logo em seguida appareceu uma data de fumo e labaredas, julgando toda a gente que ora a cabine a arder. Ainda não havia reboliço quando veio um cavalleiro, com umas azas em tamanho sobrenatural, a fingir que é arcanjo, e disse, para não nos assustarmos, que aqui'o tudo é da fita. Aproveitou a occasião para pedir desculpa do outro fime ser tão ordinario, mas nem todas as fitas valem uma. Ufa.

Nisto veio o Emil Jannings, vestido de bofe, muito convencido de que nos ia pregar um grande susto. Mas todos o conheciam de gingeira e elo decide-se a ir pregá-lo ao Gösta Ekman. O Gösta não gosta daquellas brincadeiras, mas o Jannings tira-lhe tantas vezes o chapéu que ele acaba por vencer-se de que o Diabo, embora seja muito mais feio do que o pintado, é, pelo menos, uma pessoa bem-educada.

Depois das partes gargas da praxe, o Jannings diz-lhe que ele tem uma barba que é uma vergonha. O Gösta vê-se ao espelho e concorda, mas declara que não tem culpa nenhuma disso, pois foi o Marnau quem lhe jurou que o Fausto era assim mesmo; e ainda esteve com muita sorte em não lhe taparem um olho, como nos Nibelungos. O Diabo diz-lhe que, naquele estado, não o leva a vér a Camilla Horn e, assim, lá o convence.

Depois de pôr o Fausto como novo, o Jannings, para não ficar atrás do Douglas Fairbanks, decide-se a ir por ares e ventos.

Começa a passar o scenario que desenrola no Parsifal, e os dois acabam por ir vér uma ferie ao Trindade. O Nicolino, muito a proposito, começa a tocar a valsa do Fausto. Também, é a unica coisa que ele toca a proposito.

Aparece outra vez uma fumarada dos diabos. O Gösta declara que aquilo não pode continuar assim, porque custa um dinheirão; o melhor é ir ter com a Camilla Horn, porque afinal é ela a protagonista e ainda não appareceu. O Jannings, como tem a mania das grandezas, fica muito contrariado, mas lá o leva.

Margarida anda muito occupada a fazer o réclame dum tonico capilar e a fugir ás festinhas do mano, o Wilhelm Dieterle, que é Valentin como um leão e bruto como as casas. Aparece também a Yvette Guilbert, para quem Mefistófeles prepara um cocktail purgativo, mais eficaz que o oleo de ricino.

Começam todos a reinar ao jará e então é que são elas. O Gösta e a Camilla dão cada beijo que eu até julguei que acabava a fita. Afinal, não acabou, e o Diabo diz ao Fausto que aquilo não chega porque a principal condição dum filme de vanguarda é não poder ser visto por menores de quinze anos. O Gösta finge que faz um grande sacrificio mas... lá vai como o vento do sr. Afonso Lopes Vieira. Como a pouca-vergonha tem limites, surge a Frieda Richard, que tem um geito para cair de costas, e o mano Valentin, que vem bêbado como um cacho.

O resto é tão tragico e tão conhecido que não vale a pena perturbar com ele o sôno do leitor.

Em resumo, Fausto só tem um defeito: não ter sido enscenado pelo Rino Lupo. Mas o homem andava tão occupado a averiguar a identidade do illustre Desconhecido, que se lhe perdôa por esta vez.

O Cinema Condes, depois de ter exibido O Pecador Errante, que bem se podia chamar O Pescador Irritante, corre agora outra super-produção: A Porta Selada. Para não arrelhar o Castelo Lopes, não diremos se a fita é boa ou má. Mas a verdade é que a casa tem estado ás moscas...

Retardador.



!! Não queira  
ficar assim !!

USE a VITELINA-VITERI

TONICO AMARELO  
Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos  
FRASCO 8000  
Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.  
R. dos Panqueiros, 84, 1.º, D. - LISBOA

## HISTORIA TRAGICO-MARITIMA

## O naufragio da "Dourada"

Foi no dia 4 de Agosto de 1867 que eu entrei, pela primeira vez, a bordo da *Dourada*—na qualidade de contra-mestre.

Permitam, porém, que eu descreva a minha figura:—alto, de composição atletica, bronzado pelo sol, a lua e as estrelas, eu dava a impressão de um rapaz superiormente inteligente e extremamente modesto. Quando subi á ponte da *Dourada*, não pude deixar de admirar o meu uniforme de marinheiro, que se reflectia numa barreira de alcatrão que estava proxima.

—*Sede bemvindo, sr. Blowhard!* —exclamou o capitão Bilge, que comandava o veleiro.

Um Homem, este capitão Bilge!... Para o avaliar, bastava ouvi-lo comandar a manobra, com um megafone na boca e empregando a linguagem um pouco brutal que fica tão bem aos velhos lobos de mar.

—*Vamos, meus senhores! Não se fatiguem tanto... Tanto tempo... Não apunhem sol na cabeça!... Olá! Jones, olhe que pode escorregar nesse gurupês... Segure-se bem!... Williams, será você tão gentil que consinta em largar um pouco essa amarra?*

Três dias depois, estávamos no alto mar.

Nessa manhã, o capitão Bilge veio ter comigo e disse-me:

—*Sr. Blowhard, desta noite em diante terá que fazer duas vezes o quarto.*

—Porquê, comandante?

—*O imediato e o mestre caíram ao mar.*

Não respondi; mas esta desapareição simultanea pareceu-me misteriosa.

Dois dias mais tarde, Bilge abordou-me no cr. telo da pópa e disse-me com um ar embaraçado:

—*Tenho o desgosto de lhe comunicar que perdemos o financeiro.*

—Mas, como?

—*Foi um pouco por minha culpa. Imagine que, esta manhã, estando eu a ajudá-lo a subir á enxada, deixei-o cair pela borda fóra.*

—Mas, não tentou salvá-lo?

—*Por enquanto... ainda não.*

Olhe: fixamente Bilge e calei-me. O misterio tornava-se cada vez mais denso. Na quinta-feira seguinte desapareceu o mestre calafate. Depois foi a vez do gageiro Anderson.

No domingo, á noite, estando eu ao leme, vi Bilge deslizar pela ponte, arrastando o meço de bordo pela perna esquerda.

Admirado, inquieto mesmo, observei o comandante e vi-o deter-se junto da pavesada da pópa, a fim de deixar cair o pobre rapaz nas ondas.

Durante alguns minutos, a cabeça do desgraçado sobrenadou. Bilge atirou-lhe uma bota velha, deu uma gargalhada sardonica e sumiu-se.

Eu tinha, enfim, a chave do enigma! O nosso comandante apegava a pouco e pouco os homens da sua tripulação.

No dia seguinte, ao pequeno almoço, Bilge fez-me uma confissão completa e tireu duma gaveta um pergaminho amarelado pelo tempo.

—*Blowhard—disse ele em voz baixa—Aqui está a planta duma ilha que contém um tesouro de muitos milhões de duros. Tenho a intenção de a des-*

*cobrir, mas até lá é necessario que reduza a tripulação, a fim de aumentar as nossas duas partes. Quere ser meu socio?*

Perdõem-me o ter respondido afirmativamente. Eu era novo e ambicioso.

Nesse mesmo dia, fui ao posto da equipagem, para sondar o estado de espirito dos marinheiros.

Estavam-se baloicando nas *rocking-chairs* e fumavam charutos, enquanto outros, em pyjama, faziam a sesta em camas, com *couvre-pieds* bordados a matiz.

Quando entrei, levantaram-se todos e inclinaram-se.

—*Chefe—disse-me então Tomkins, o ajudante de contra-mestre—permito-me que lhe dê parte do descontentamento dos meus camaradas, que se admiram das muito frequentes desapareições que se tem dado.*

Assim que consegui acalmar as apreensões do marinheiro, precipitei-me para o camarote de Bilge.

—*tenha confiança em você... Oiça!*

## o traço de união A graça feita

O Julião, teadeiro do Barro Alto, vivia arreliado por não ter companhia. Aquilo assim não já bem...

Uma mulhersinha fresca que o esperasse á janela, que lhe passasse o vinco nas calças domingueiras, que lhe fizesse, enfim, um milhão de coisas que uma mulher sabe fazer... convinha-lhe.

A Juliinha do primeiro andar estava nos casos. Ora, se estava! Tinha uma filha de seis anos, mas isso não fazia mal; era obra feita, era vantagem...

O Julião largou a pensar na Julia. O vulto dela, esbelto e delgadinho, andava sempre nos olhos dele. A's vezes, na escada, os olhares cruzavam-se; não se falavam, mas ela sorria-lhe, agradecida pelos rebuçados que ele trazia da loja para a petiza, que já sabia esperá-lo todas as tardes, no patamar do rez-do-chão...

O Julião reparou que, havia tempos, a Julia se arrebicava mais, tinha cortado o cabelo, usava perfumes que enchiam a escada...

Seria por amor dele?...

O Julião pensava que sim... E afinal porque não havia de ser?

E aquela paixão minava-o. Ná... Tinha de falar. Ia declarar-se Da. mais a mais tinham dito lá na loja que a Julia tinha deixado o homem, ou vice-versa...

Um dia, vestiu o fato preto e esperou no rez-do-chão que a petiza passasse. Ela é que havia de ser o traço de união... Esperou, esperou e, afinal, a Mimi chegou da rua. Beijou o Julião e perguntou-lhe:

—Vi a minha mãesinha, senhor Julião?

O Julião, encantado, respondeu:

—Eu não a vi, menina, mas cheira tão bem no patamar que ela deve estar em casa.

E a Mimi, a desembulhar um rebuçado:

—*Agora é sempre assim. Desde que vem cá o papá novo...*

No dia seguinte, Julião mudou-se.

—*o'chame Tomkins—respondeu o capitão.*

O ajudante veio imediatamente.

—*Sr. Tomkins—disse-lhe o comandante—faça o favor de passar a cabeça por essa vigia e observar o navio que está passando ao largo.*

—Sim, meu capitão.

Tomkins obedeceu. Então, a um sinal de Bilge, agarrei a perna direita de Tomkins, enquanto Bilge agarrava a esquerda, e deitámo-lo ao mar como quem mete uma carta na caixa do correio.

Três dias mais tarde, após termos dobrado o Cabo da Boa Esperança, encontrámos um navio pirata no Oceano Indico.

Espectaculo que não posso esquecer—o navio estava todo pintado de negro, assim como a bandeira e a tripulação.

Os dois barcos encostaram um ao outro. Foi lançada uma *passarelle* entre as duas pontes de comando e dali a pouco os corsarios atacavam-nos, arregalando os olhos ferozes, rangendo os dentes e o joelhos.

Brito Camacho, que depois de morrer ha de ouvir na cova apregoar as piadas do Dr. Camacho, é uma pessoa de espirito.

Vejam esta que se atribue ao grande jornalista:

«Camacho, numa estação de caminho de ferro, quiz atravessar a linha.

Um empregado opoz-se.

Camacho zanga-se porque quero pousar passadas e... tenta de novo atravessar a linha.

O empregado:

—Já disse que o senhor não pode passar!

—Mas porque é que o senhor dá essa ordem?—pregunta Camacho.

—Sou o primeiro factor cá da estação...

—Ora! ora! A ordem dos factores é arbitraria...

E passou.

A'quele que nasce em Nice chama-se um *niçois*.

Saídos um dia da Côte d'Azur, desombareámos em Paris.

Uma gentilissima francesa pergunta-nos:

—D'onde vem V.?

—De Nice—respondemos, enquanto a nossa companheira a olhava com desdem.

—*Oh!... Niçois qui mal y pense!...*

Dois judeus tinham amôres com uma criada. A certa altura, a pobre-sinha appareceu grávida.

—Que fazer?—dizia um.

—De quem será?—dizia o outro.

Bem combinadas as coisas, ficou assente, na duvida do pai, que os dois sustentariam o rebento.

Pouco antes do parto, um dos judeus foi para fora da terra. O outro assistiu a tudo e... a sopeira deu á luz duas robustas crianças.

Vai no telegrafo e envia ao amigo este telegrama:

«Maria teve dois miudos. O meu... morreu.—Abrahão.»

O combate durou duas horas, com um intervalo de vinte minutos, para almoço. Foi terrivel.

Os homens esbofeteavam-se e, ás vezes, no paroxismo da raiva, mordiam-se na cara.

Notei especialmente um gigantesco pirata brandindo uma toalha turca com um nó na extremidade e que foi posto fora de combate pelo nosso valente capitão, que lhe acertou com uma pe'e de banana mesmo no meio da testa.

A' uma hera e meia, o *match* foi declarado nulo e o navio pirata afastou-se entre *hurrahs!* dos corsarios.

Degraçadamente, durante o combate, declarara-se uma agua aborta no casco da *Dourada*. A sonda revelou-nos a presença de meio centimetro de agua no porão.

Após vinte e uma horas de trabalho ás bombas, constatámos, horrorizados, que a' agua subira mais dois milímetros. A situação era desesperada.

Nessa noite, Bilge procurou-me na cabine e disse-me:

—*A Dourada vai sossobrar. Está-se afundando docemente... Isto pode durar seis meses, um ano, dois anos talvez, mas o naufragio é inevitavel... O unico meio de nos salvarmos consiste em abandonar o navio, utilizando uma jangada que vamos improvisar imediatamente.*

Deitámos mãos á obra. A ocultas da tripulação, serrámos os mastros, cortámo-los em pranchas e ligámo-las com atacadores de sapatos.

A' pressa, puzemos na jangada: viveres, bebidas, um cronometro, um sextante, uma bomba de bicicleta e outros instrumentos scientificos.

Bilge e eu abraçámo-nos—e aos primeiros alvôres da madrugada navegavamos sobre a jangada no meio do oceano sem limites.

Pelo meio dia, depois de nos termos barbeado, quizemos comer. Foi então que compreendemos o horror da nossa situação. Bilge tinha trazido cincoenta e duas caixas de *corned beef*, mas esquecera-se da chave para as abrir!

Apavorado, precipitei-me para as cincoenta e duas garrafas de aguardente. Tinham sido rolhadas mecanicamente! Gritei como um doido:

—*Bilge!... Onde está o aparelho... a ferramenta... a engenhoca com que abrir estas garrafas?*

Durante oito dias: Jejuámos. No nono dia, roídos pela fome, decidimos tirar á sorte qual de nós dois comeria o outro.

Escondi um botão numa das mãos e estendi-lhe ambas, cuidadosamente fechadas. Bilge bateu numa delas...

—*Que quere isto dizer?—preguntou ele, inquieto—Ganhei?*

—Não, Bilge—respondi tristemente—tu perdeste.

Um mês mais tarde, tendo reparado as minhas forças como é facil calcular, abordei uma ilha deserta e ahi vivi miseravelmente, vestindo-me com folhas de cactus e alimentandô-me com arcia humida.

Este regimen minou, a pouco e pouco, a minha solida constituição. Caí doente, com pedra na bexiga, morri e enterrei-me na praia.

Se, ao menos, os autores de aventuras de piratas pudessem imitar-me!...

CONCURSO DO "FIXE"

Quem será o beleza de homem?

O concurso do Fixe para a escolha do *Beleza de Homem* caminha á medida que *Miss Portugal* se aproxima de Galveston.

O eleito, porque somos pobres, não terá o conforto dum transatlantico numa viagem á America; mas terá uma viagem á *Perna de Pau...* num taxi palhinha de 1.ª classe.

Não terá sessão soleno na Camara Municipal, nem estetas a vê-lhe o corpo. Mas, porque vai á «Brasileira» e, decerto, tem versegado, terá o Alberto—como membro do juri e encar-



Augusto Pinto

*Beleza genero queijo suizo. Optima para almoços elegantes. Representa a Figueira da Foz, como espinha sem peixe*

regado dos serviços de higiene—a fornecer-lhe papel para o verso.

Não dizemos que o escolhido seja o mais belo. Garantimos, porém, que será português.

No nosso numero de hoje publicamos mais uma artistica fotografia de intellectuais que pressurosos acorreram ao nosso concurso.

E' das mais bonitas que encontramos por ali.

\*\*\*

O sr. «João Franco», da «Brasileira» do Chiado, porque o colocámos entre o Alberto, que está uns degraus abaixo... da sua categoria, pediu escusa da presidencia do juri que lho haviamos concedido.

Esperamos, contudo, demover S. Ex.ª de tal resolução.



—Testemunha, preste juramento.  
—Como *pestanista* que sou, devo prevenir o tribunal que não levo menos de 60 por cento ao ano.

TAC-TAC-TAC

Em tempos remotos

Em tempos remotos—que a vida corria célere como corcinha medrosa—em tempos que já lá vão, um patriarca sabido lançara em moda esta palavra, para explicação última de todas as saladas avariadas que sua imaginação determinara fazer-nos engulir. Embrulhava o ancião os bandos da tribo e as tribus da nação, a cujos destinos se impuzera presidir como patriarca, não por sua avançada idade, muito saber e grada experiencia.

No mais acêso da baralha, os homens, desbatando-se a cacete, as mulheres arrepelando-se mutuamente os longos cabelos; e as crianças ás cabeçadas umas ás outras—aparecia ele, calmo e sorridente, no grande mercado do vetusto burgo:

—Assoceguem, meus amigos!—aconselhava com voz doce. Sêde cautos, ao menos!

E, afagando as ranhosas crianças, não fôsem com seu monco pendente macular-lhe a tunica cinzenta, cor do pombo mariola:

—Coitadinhos, dizia, são tão inocentes!

Com os mancebos batalhadores, porém, a coisa era menos comoda e só no fim de longos arrazoados conseguia o velho patriarca o desejado socego, com um acôrdo tacito das partes.

Foi nessa epoca que José Nelas e Sinfronio Rôxo se conheceram na escada do n.º 11 da rua dos Cardenhos, á Lapa, vizinhos que descobriram ser, Nelas vivendo no 3.º andar e Rôxo no 2.º, lado esquerdo.

Sinfronio viu em Nelas o seu companheiro ideal, desde o primeiro quarto de hora de cavaco; e, rapidas, se estreitaram suas relações, a ponto de que, a breve trecho, o Nelas descobriu que haviam sido condiscipulos da primaria, amigos na fagueira meninice.

Rôxo casara cedo com Adelia e era Nelas marido de Francisca do Vale, senhora mui prendada, moça e formosa.

Mas a amizade que ligava os dois vizinhos não encontrava eco aprecia vel no seio das esposas respectivas.

Um odio surdo foi, sem causa, crescendo entre as vizinhas desavindas e jamais se puderam entender a D. Francisquinha, como dizia o Nelas, e a Dédésinha, no dizer do Rôxo.

Os maridos, juntinhos como irmãos, iam de braço dado pela rua, tomavam o seu cafézinho á mesma mesa, e, até juntos decilitravam no Bernardo, quando, vindos da mesma repartição, iam no mesmo carro e á mesma hora para esse mesmo prédio em que habitavam.

Só depois de jantar é que se separavam na altura de Santos, visto que Nelas era secretario do Centro politico do Rôsbife, e o Rôxo tinha que presidir ás sessões cotidianas do Club dos Enviezados, instituição recreativa de protecção a donzelas lece-sitadas.

Como as esposas, sabiam-no eles, não se podiam ver, nunca as apresentaram uma á outra nem as apresentaram um ao outro.

Talvez assim fôsse melhor. Escusavam de ter questões na escada e, tão mau fôsse o dianho, terem de cortar relações eles, que tão amigos eram e tão tranquilamente gosavam a paz.

As vizinhas é que procuravam, a todos os momentos, descobrir pontas

por onde pegar para abrir as hostilidades.

Noite vinda, espreitavam-se anciãosamente.

Adelia foi a primeira que, uma vez, lobrigou uma sombra, que pelo aspecto geral parecia um homem, no patamar da vizinha do 3.º e quando, momentos depois, abria a porta ao seu, um homem de bom porte que dum namoro descarado num Cinema lhe viera parar aos braços liricos, pensava indignada:

—Olha, a lambisgoia tem um amante!

Não se passaram muitas noites sem que D. Francisquinha, indo abrir de mansinho a porta para que o *amigninho* entrasse sem barulho, pudesse ver uma sombra, de homem pela certa, no patamar da D. Adelia, que até disse:

—Entra meu bom.

—Que pouca vergonha! — pensou Adelia, recolhendo-se para não ser vista.

Logo as duas, cada uma para si, assentou em descobrir a inimiga.

Mas como?...—pensavam ambas.

—Pois muito simplesmente fazendo saber aos respectivos maridos que suas dignas esposas lhes eram infieis.

E, assim, Adelia dizia á noite ao seu mais que tudo:

—O' Joãosinho, queres saber uma coisa muito engraçada?

—Dize, Adelsinha, dize.

—A vizinha do terceiro tem um amante...

—Quo me dizes?!—exclamou dum salto o tal Joãosinho, que não era outro senão o nosso amigo Nelas disfarçado. Isso é uma infamia! Isso não pode ser!...

E, dum salto, atirou-se em ceroulas e palmilhas para a porta.

Adelia abespinhou-se:

—Homem, socega, que não é fogo...

Que ten: tu quo vêr com isso?

Mas já o Nelas abria a porta e descia a escada cautelosamente para espreitar quem seria o roubador da sua honra.

D. Francisquinha fizera identica comunicação ao seu amante, Alberto, e dizia ele, mas que não era outro senão o nosso amigo Rôxo:

E Rôxo, em palmilhas e camisola ás r'squinhas, arrojara-se fulo pela escada acima.

—O' seu canalha!—gritou ele, encontrando o Nelas que descia.—Quem é você, seu malandro?!...

Nelas, que reconheceu a voz do seu inseparavel, gritou tambem:

—Infame adúltero, que fazes nesta escada em trajes menores?!...

Então, face a face, os dois olharam-se longamente, aflitos.

—Nelas, que fizeste?!...

—Rôxo, que horror!...

—Eu, tartamudou o Nelas, eu... enganei-me no andar... e, como vinha grosso, só agora... é que dei pelo meu grave erro...

—Pois eu...—retorquiu Rôxo—eu... também me enganei.

Nelas abriu os braços.

—Então foi um equívoco...

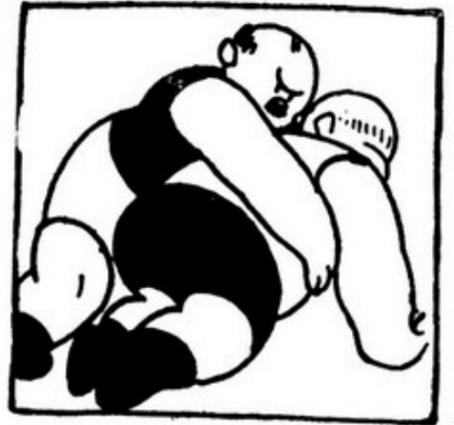
—Pois está claro que foi equívoco...

—respondeu Rôxo.

E tudo ficou na melhor paz, graças a Deus.

Cirano de Velhoirac.

A graça alheia



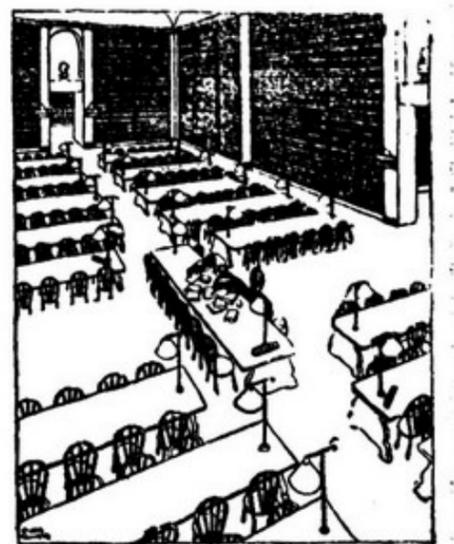
—Hoje não te posso levantar.  
—E' que tenho o estomago cheio.



—Decididamente, Luisa ama-me. Quando a levo ao restaurante pedo sempre o que ha de mais barato.



A primeira carta circular



A Biblioteca duma Univerdade americana em dia de desafio de foot-ball.

# Petizas de 12 anos



—Porque estás tão triste?  
—Calcula tu, a minha avó saiu hoje com o meu vestido novo... e levou-me o meu namorado.



—A minha mamã foi dançar com o Alberto, a tua com o Chico.  
—Que queres, para nós, só ficaram os velhos!...

## Mulher-homem



—Perdi o concurso das mulheres bonitas, talvez que no dos homens não fique de fóra.

## O desesperado



—O cabelo?  
—Não as caretíds.